



RONALDO DE ARAÚJO

1934 - 1995

Nota da editoração

A morte súbita e prematura de nosso saudoso e pranteado amigo e mestre não nos permitiu contar com um esboço autobiográfico seu para integrar esta obra, tal como desejávamos e ele mais que merecia. No entanto, o volume VI dos Anais da Academia de Medicina do Pará, editado em 1995, portanto no ano em que nos deixou, reverenciou a memória de seu inesquecível ex-Vice-Presidente, dedicando-lhe comovidas manifestações de saudade e apreço, da lavra de três de seus membros titulares, acadêmicos Clodoaldo Fernando Ribeiro Beckmann (1), cujo valioso conteúdo vai reproduzido a seguir; Leonidas Braga Dias (2), amigo-irmão que chegou a ser seu sócio em laboratório particular de Anatomia Patológica e Citologia; e Guilherme Aguiar Pereira Guimarães (3), este, seu colega de turma e de estudo, autor de outra inestimável contribuição à biografia de nosso homenageado, que nos parece igualmente indispensável transcrever a seguir. Ainda, além delas, incluiu comovedora homenagem de outro colega seu de turma de Medicina, o professor universitário e notável malariologista, Dr. José Maria de Souza (4). Selecionamos dentre elas as duas que mais se assemelham ao gênero que se pretende conferir à maioria das biografias que compõem esta coletânea. Aqui vão:

RONALDO DE ARAÚJO: UM EXEMPLO DE VIDA

Clodoaldo Fernando Ribeiro Beckmann

Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Sete dias eram passados da morte de Ronaldo de Araújo e, em uma cerimônia religiosa, graças à deferência de Habib Fraiha Neto, tive a oportunidade de dizer algo sobre o pranteado amigo. As palavras, repletas de recordações de mais de quarenta anos, lembram a vida de Ronaldo, da juventude à maturidade, e tinham um cunho sentimental, na análise das ações de sua vida.

Repassei, através do tempo, com exemplos vívidos, seu companheirismo e sua amizade, sua tranquilidade e seu estoicismo, sua capacidade dialética, sua sensibilidade artística, sua argúcia interpretativa e criadora, para concluir com a qualificação magisterial, elemento mais significativo da sua atuação na sociedade.

Queiram relevar, pois, se me tornar repetitivo. É impossível alterar as frases, sobre conceitos permanentes que o passar do tempo não consegue mudar.

Quando ingressei na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, no início de março de 1945, a primeira aula que assisti foi pronunciada por Jayme Aben-Athar. Após um rouco "bom dia", ele assentou-se e, sem preâmbulos, proferiu a primeira frase do meu curso: "A matéria viva tem as mesmas propriedades físicas e químicas da matéria bruta; o que a diferencia é uma estrutura". E por aí seguiu, abordando o estudo da célula, deixando, a mim e aos demais uma admiração plena.

A Cadeira de Aben-Athar não era a de Histologia. Respondia por ela, por falta de quem a preenchesse a contento. A plenitude de seu saber, ele a exercia no ensino de Anatomia e Fisiologia Patológicas, onde eu fui novamente encontrá-lo na quarta série. Mesmo estilo, mesma competência, mesmo método, mesmo respeito pelos discentes. E tudo ele fazia só. Algum tempo depois chegaram-lhe dois auxiliares, por via indireta, através do Serviço de Verificação de Óbitos.

Anatomia Patológica era uma cátedra feliz, ao contrário de outras, cuja infelicidade fora acentuada na crítica ferina de Acylino de Leão.

Falecido o velho professor, o seu discípulo dileto, José Monteiro Leite, assumiu, interinamente a cátedra, e conquistou-a em definitivo após notável concurso.

Imitando o velho mestre, não obstante o decurso de algum tempo, passou a ter ao seu lado, nas atividades da cátedra, o jovem Ronaldo de Araújo, que passara de aluno estagiário a médico e, finalmente, a professor, ou Instrutor de Ensino, como então se chamava. A Cadeira de Anatomia Patológica continuava a ser feliz. A impossibilidade física que impediu Monteiro Leite de continuar à frente da cátedra, levou-o à aposentadoria. Ronaldo assumiu-lhe o comando, de fato, e a Anatomia Patológica continuou a ser feliz.

Na trajetória de pouco mais de sete décadas, a Anatomia Patológica teve em Aben-Athar o "*droit du seigneur*"; em Monteiro Leite, o "*droit de conquette*"; em Ronaldo Araújo, o "*droit de mérite*".

A vida de Ronaldo de Araújo confunde-se com a da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, ou outro nome que lhe tenham outorgado as leis, os decretos e os estatutos. Aí passou ele os anos de sua vida produtiva, no magistério e na ciência.

Ainda que várias instituições o tenham chamado, e recebido sua colaboração, as raízes se afundaram e fixaram no velho e nobre casarão. Dele nasceram os frutos de um trabalho constante e produtivo.

Ainda no curso secundário, no Colégio Nossa Senhora de Nazaré, onde o conheci, Ronaldo deixava transparecer sua vocação magisterial na sua conduta pessoal, na sistematização dos trabalhos, na preferência nunca ocultada pelas ciências químicas e biológicas, que desenhavam um professor-pesquisador. Atingiu, rapidamente, o magistério secundário em química, mas nele não permaneceu. Logo estava inteiramente dedicado ao estudo da Medicina e dando os primeiros passos no âmbito da Patologia.

Voltou a ser meu aluno em Clínica Cirúrgica da 4ª série e no estágio ao final do curso, época em que eu já lhe era devedor de múltiplas atenções, braço direito na minha Defesa de Tese para a Docência-Livre, de onde saímos, eu feliz com o meu sucesso, e ele igualmente feliz. Não foi só um aluno, mas um amigo também.

Recebido o diploma, pouco depois Ronaldo ingressaria por concurso no corpo docente da Faculdade como Instrutor de Ensino, havendo dado um novo sentido à prova didática, sem a simples repetição de conceitos sobre o tema sorteado, mas tomando por base as estatísticas e observações do Serviço de Anatomia Patológica.

A especialização viria a ser feita no serviço do Prof. Luigi Bogliolo, em Belo Horizonte, e daí por diante seriam galgados os diferentes graus da carreira do magistério, até a obtenção dos títulos de Doutor e Docente-Livre, em concurso público de títulos e provas.

Aí está o caminho percorrido por Ronaldo de Araújo. Mas, como ele o percorreu? A passos firmes e velocidade adequada, na ascensão aos diferentes postos da carreira. Com a prudência dos sábios e a tenacidade dos fortes. Com o respeito à instituição universitária. Com a obediência à hierarquia acadêmica. Com amor

ao magistério. Com a boa formação dos discípulos. Com a procura da verdade, da solução dos problemas e do saber novo.

Ronaldo uniu, na prática acadêmica, o exercício indissociável do ensino e da pesquisa, sem, contudo, dar a esta o primado do magistério. Procurou ser um professor completo, centralizando seu esforço no aprendizado do aluno. Daí uma parte de seus numerosos trabalhos estar ligada diretamente à ministração de aulas e ao interesse dos discentes.

Inútil referenciar as suas pesquisas e publicações científicas. Indexadas, percorreram o mundo dos estudiosos na Patologia, enriqueceram a literatura especializada e elevaram o nome da nossa Universidade. Inútil referenciar todos os programas universitários que tiveram sua colaboração. Jamais a recusou, e a todas emprestou o brilho de sua inteligência.

O nome de Ronaldo foi lembrado de maneira natural para constituir um dos quarenta fundadores de nossa Academia de Medicina. Trouxe-o, o seu prestígio na classe médica paraense, aliado a um sentimento de justiça. Ganhou a Academia, ao ter Ronaldo como ocupante da Cadeira nº 38, cujo patrono é Oscar de Carvalho, professor durante muitos anos da nossa Faculdade, cuja federalização já lá não o encontrou em atividade plena. Ronaldo, portanto, não o conheceu. Talvez, entre patrono e titular tenha havido um desígnio imponderável, para reunir dois mestres da Patologia.

No elogio dos patronos, uma das atividades básicas das Academias, Ronaldo produziu um excelente trabalho: "Oscar de Carvalho: a ciência e a cultura do seu tempo". Com poucas informações biobibliográficas, analisou a vida do mestre provinciano, perpassando, no Brasil e no mundo, no Pará e em Belém, os fatos que caracterizaram a evolução política, social, científica e artística, com suas ocorrências significativas no período de vida do patrono, para concluir de forma quase lírica, com o testemunho sobre os dois grandes amores do velho mestre que sobrepujaram a medicina: a esposa e a música. Criou, destarte, belas páginas, sem o caráter vulgar da citação de nomes, datas e pequenos incidentes, o que se deveu, sem dúvida, à sua capacidade de criar.

Por que lembrar Ronaldo apenas em duas facetas de sua vida? Porque elas são representativas e podem revelar o homem por inteiro. Voltaire, em sua lápide tumular tem, por seu desejo, uma inscrição: "Ele defendeu Calas e de La Barre". Não quis ser lembrado como escritor, filósofo, pensador ou político. Quis sê-lo, apenas, como advogado de perseguidos pelo poder. Ronaldo de Araújo teria

sua grandeza, não obstante uma atividade de ciência e de pesquisa intensa e meritória, expressa nesta frase: "Ele ensinou a centenas de alunos e dignificou o magistério".

Nossa Academia, na homenagem que presta a Ronaldo de Araújo, honrada que foi pelo seu convívio, acentua a sua nobreza. Na nossa saudade, que as últimas palavras sejam a prece pela paz à alma de Ronaldo, e a eterna lembrança dos companheiros acadêmicos.



Professor Ronaldo de Araújo

Quando homenageado pela turma de concluintes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará em dezembro de 1964.



RONALDO DE ARAÚJO: O PROFESSOR

Guilherme Aguiar Pereira Guimarães

Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Com o brusco falecimento de Ronaldo de Araújo, perde o Pará um de seus mais brilhantes professores e pesquisadores dos últimos quarenta anos que, juntamente com Jayme Aben-Athar e José Monteiro Leite, tanto dignificaram e honraram a Cátedra de Anatomia e Fisiologia Patológicas de nossa querida Faculdade de Medicina, como à classe médica do Estado, em geral.

Não sei, meus amigos, como agradecer esta oportunidade que me proporcionam de falar de Ronaldo Araújo, um grande amigo e irmão que tão precocemente nos deixou. Sua morte, embora repentina, representa apenas uma suave transição para o além, pois ele viverá em nossos corações para sempre, enquanto aqui na terra viver algum de seus inúmeros amigos, colegas e discípulos.

Bem disse em sua alocução, na missa de sétimo dia de Ronaldo, o Professor Paulo Toscano, parafraseando o dramaturgo Nelson Rodrigues: “Toda unanimidade é burra”. Mas Ronaldo foi uma notável exceção, sua vida desmentiu tal afirmativa.

Ronaldo, como o chamávamos na intimidade, era um colega amigo, gentil e alegre, embora intransigente em seus princípios e ideais. Nasceu em Bragança, a 6 de setembro de 1934, e faleceu em Belém a 26 de agosto de 1995, portanto aos sessenta anos de idade. Era filho do médico sanitarista Dr. João Ismael de Araújo que, além de médico, era também político. Sua mãe, Lusemira Barreiros de Araújo, é professora e descendente de tradicional família de intelectuais. O irmão de Ronaldo, João Luiz, é engenheiro civil e reside em São Paulo, juntamente com sua irmã Maria Helena (*isto, obviamente, em 1995*).

Seu curso primário foi feito em Bragança. O secundário e o científico, como então eram chamados, no tradicional Colégio N. S. de Nazaré, onde desde cedo despontou por sua dedicação aos livros e pela disciplina. Sempre foi o primeiro aluno de sua classe. Nos fins de ano, tal era o número de medalhas premiais que conquistava, que a senhora mãe de nosso estimado confrade Habib Fraiha Neto o apontava aos filhos como um exemplo a seguir. E, de fato, o era.

Em 1953, obteve uma vez mais o primeiro lugar, ao transpor os umbrais da então Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará. Precisamente, nessa ocasião, conheci Ronaldo: tranquilo, gordo e afável. Desde as primeiras provas, seus conceitos foram excelentes. O bom, seria exceção.

Foi, porém, a partir de 1955 que nossa amizade se estreitou, prevalecendo até o seu desaparecimento. Fica a recordação da grandeza de sua alma. Foram mais de quarenta anos, sem nenhuma rusga ou ressentimento, uma amizade sincera e desinteressada. Além de estudioso, era organizado. Logo assumiu a liderança de nosso grupo, composto de Fernando, meu irmão, Francisco de Paula Pinheiro (o Pinheirinho), Domingos Costa Júnior, Gerson Nogueira, Amaury Tavares e eu.

Até o final do curso Ronaldo foi sempre o primeiro classificado, conquistando o cobiçado Prêmio Raul Leite. Em reconhecimento à sua inteligência e liderança, foi eleito, por unanimidade, o orador da turma de concluintes. Desde o terceiro ano, quando cursou a Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas, então lecionada pelo Professor Monteiro Leite, dedicou-se com todo o fervor à Patologia. Tal era a sua ânsia de aprender, que estudou, sozinho, o Inglês, para poder estar sempre atualizado com os novos avanços da Medicina, já que os livros de texto, àquela época, só eram traduzidos para a língua portuguesa de quatro em quatro anos.

Desde o quinto ano, quando foi nomeado monitor da Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas, passou a lecionar, pois o Prof. Monteiro Leite se ausentara para complementar seus conhecimentos de Patologia com o Prof. Luigi Bogliolo, então um dos maiores patologistas do mundo. Pobre, teve que lecionar química e biologia em vários colégios e cursos de Belém para se sustentar.

Uma vez formado, partiu para Belo Horizonte, onde fez a sua pós-graduação também com o Prof. Bogliolo. E, tal foi o seu desempenho, que, anos mais tarde, ouvi o Prof. Bogliolo, em visita a Belém, dizer de sua mágoa de não ter o Ronaldo concordado em ficar trabalhando consigo.

De volta a Belém, demonstrou sua grande paixão pelas salas de aula, de que somente a morte o afastaria, como era seu desejo manifesto. Sempre correto, rígido, intransigente em seus princípios, conforme mencionei, Ronaldo já nos bancos acadêmicos combatia a ideia de que, uma vez vencida a barreira do concurso vestibular, não havia mais necessidade de estudar. Era apenas esperar o passar dos anos, para receber o diploma. Ronaldo, porém, reagia a essas ideias e as combatia enfaticamente, afirmando que devíamos era estudar e "dar duro" a fim de sermos profissionais conscientes e sérios.

Era comum vê-lo fora de hora, enquanto cursava a disciplina, frequentar a sala de aula e a de necrópsia, ajudando o Prof. Monteiro Leite, de quem, estou certo, recebeu forte influência. E, como também possuía uma personalidade marcante, muito disciplinado que era e, acima de tudo, de uma inteligência perspicaz, encontrou ali sempre muito a aprender, mais do que em qualquer outro campo da medicina.

A atividade de professor era a que, realmente, mais amava. No auge de sua profissão de mestre, apesar de simples e modesto, Ronaldo costumava usar o método socrático de ensino. Era frequente vê-lo depois das aulas provocar os seus alunos com perguntas, suscitando discussões para melhor orientá-los. Durante as greves da Universidade, continuava ministrando suas aulas, mesmo sabendo que outras disciplinas haviam aderido ao movimento. Costumava questionar se as greves eram para melhorar o ensino ou os salários. Como, geralmente, eram pelo salário, não adería.

Ninguém dormia durante suas aulas, apesar do horário às vezes penoso, das 14:30 às 15:30 h. Normalmente, os alunos saíam delas estimulados pela beleza da exposição, pela facilidade de seus esquemas organizados no quadro negro à medida que ia transmitindo a matéria. Era um gênio, em mostrar a utilidade dos esquemas. E, tal era a sua amizade por mim, que até mentiu, afirmando na dedicatória de um de seus guias práticos de estudos dirigidos a alunos de Anatomia e Fisiologia Patológicas, que havia sido eu o primeiro a demonstrar-lhe a vantagem dos esquemas.

Durante suas aulas de necrópsia, além de mostrar as lesões anatômicas, ensinava as alterações fisiológicas e questionava os possíveis sintomas.

Ronaldo combinava, como nenhuma outra pessoa, a grandeza de espírito à bondade do coração. Era um homem íntegro, indiferente à fama, à vaidade, aos bens materiais. Um espírito brilhante, com sede permanente de novos conhecimentos. Ultimamente, junto com o filho, João Guilherme, dedicava-se à composição de textos didáticos no computador, para melhor guiar o aprendizado de seus alunos.

Com sua esposa, Marialva, permanecia horas e horas no laboratório, dedicando-se à pesquisa de vírus, sobre os quais têm inúmeros trabalhos publicados.

Era um sonhador. Vivia de ilusões, apesar de grande professor e experiente patologista. Shakespeare dizia: "Onde está a nobre ilusão? Na cabeça ou no coração?" Eu vos digo: em Ronaldo, em ambos, tal era a grandeza de sua alma.

Exerceu todos os degraus da carreira do magistério, de monitor a Professor Titular. Sua tese de livre-docência consistiu em uma "Contribuição ao estudo ultraestrutural do cérebro de camundongos albinos infectados experimentalmente com arbovírus Mucambo e BeAn67949", defendida em 1977, com que obteve a nota máxima de todos os examinadores, a banca constituída pelos Professores Luigi Bogliolo, Zilton Andrade e Francisco Duarte, respectivamente de Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro; além de Mário Sampaio e José Monteiro Leite, de Belém.

Seu currículo é extenso e seria enfadonho enumerá-lo, pois adorava escrever e publicou centenas de trabalhos, que vão desde testes didáticos, até livros sobre Patologia e exercícios de correlação anátomo-clínica.

Era casado com a Professora Marialva Ferreira de Araújo, sua ex-aluna e, talvez, sua única paixão, pois esperou seis anos para declarar o seu amor. Viveram uma vida harmoniosa, feliz e de trabalho, já que ambos eram patologistas, amavam a profissão e comungavam dos mesmos ideais, particularmente a responsabilidade.

Dessa união nasceram quatro filhos: Adelaíde, minha afilhada querida, hoje universitária; Daniela, Isolda e João Guilherme, presentemente estudantes de Convênio (*isto também ainda em 1995*).

Em sua casa, Ronaldo mantinha-se ocupado, dedicando-se à leitura. Ultimamente, lia sobre os componentes do núcleo das células e os avanços nesse campo decorrentes da evolução da eletrônica. Além disso, em suas folgas dedicava-se à música, juntamente com seu amigo Gilberto Chaves, um apaixonado pela música erudita; e, mais recentemente ainda, com seu filho João Guilherme, aos avanços da informática, sua mais nova paixão.

Tinha muita vontade de aprender piano. Como não teve oportunidade, tal a dedicação ao trabalho, buscou compensar essa frustração com a aquisição de uma bela coleção de discos clássicos. Pôde, desse modo, ao longo de anos, ouvir com frequência as composições de Beethoven, seu preferido.

Ronaldo: nossa tristeza será eterna; nosso consolo é que tudo o que fizeste tinha a tua marca – a perfeição. Obrigado, irmão e amigo, por tudo o que foste e pelo que transferiste do teu coração bondoso para as nossas almas.



Referências bibliográficas

- 1) BECKMANN, C. F. R. Ronaldo de Araújo: um exemplo de vida. *An. Acad. Med. Pará*, v. 6, p. 77-80, 1995.
- 2) DIAS, L. B. Palavras a um amigo. *An. Acad. Med. Pará*, v. 6, p. 87-88, 1995.
- 3) GUIMARÃES, G. A. P. Ronaldo de Araújo: o Professor. *An. Acad. Med. Pará*, v. 6, p. 89-92, 1995.
- 4) SOUZA, J. M. de. Ronaldo de Araújo: um símbolo. *An. Acad. Med. Pará*, v. 6, p. 81-85, 1995.



Saiba mais sobre Ronaldo de Araújo em artigo publicado por seu filho João Guilherme e sua esposa Marialva em edição histórica do Pará-Médico publicada em 2001:

ARAÚJO, J. G. E. de; ARAÚJO, M. T. F. de. Ronaldo de Araújo: 1934-1995. *Pará-Médico*, v. 8, n. 1, set.-out. 2001. p. 105-106.



RONALDO DE ARAÚJO



Cadeira n^o 38 – Primeiro ocupante

